



A FILOSOFIA DA CIÊNCIA: MATERIALISMO RACIONAL NO PENSAMENTO DE GASTON BACHELARD

Emerson Mateus Souza Duarte¹

Eleno Marques de Araújo²

RESUMO: O presente trabalho objetiva-se uma análise nas obras de Bachelard, no que tange a filosofia da ciência e o materialismo racional, neste sentido, busca constatar o parecer filosófico do pensador francês sobre o conhecimento empírico [senso comum] e o conhecimento científico além do materialismo racional como forma de novas descobertas.

Palavras-chave: Experiência. Tecnologia. Resultados. Conhecimento. Materialismo.

INTRODUÇÃO

Todo o conhecimento que temos é por conta das descobertas feitas pelos nossos antepassados. Devido os métodos primitivos, não era possível obter-se resultados concisos e eficazes nas experiências realizadas. Com o passar do tempo e o surgimento de novas tecnologias, foi possível aprimorar as metodologias científicas e chegar aos resultados esperados. É no tangente contexto que o trabalho a seguir terá maior foco.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada constituiu-se da revisão bibliográfica através de leitura e fichamento das obras primas de Bachelard. Daí constatamos que a experiência no ponto de vista dos empiristas é uniforme em sua essência, pois tudo advém da sensação, por meio dos órgãos dos sentidos. Já para os idealistas é uniforme porque é impermeável à razão. Se assim for, aí está o dever do epistemólogo, não se limitar às informações dadas à primeira vista, mas ter a ‘fome’ de conhecimento, indagar-se a todo momento sobre os fatos obtidos e ir em busca de possibilidades e de novos saberes. Assim, a ciência e a filosofia falavam a mesma língua, pois ambas advêm da experiência tais como: peso, medidas, qualidades, quantidades etc., dados

¹ Acadêmico do 3º período de Direito noturno na Universidade Municipal de Mineiros, Unifimes. emersonmateus.emsd@gmail.com

² Doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil (2012) Adjunto do Centro Universitário de Mineiros, Brasil. Pós doutorando pela UNIUBE – Universidade de Uberaba, no Programa de Pós-Graduação em Educação, sobre a orientação da profa. Dra. Vania Maria de Oliveira Vieira. profelenoaraujo@outlook.com



concisos o que limita a possibilidade de novos fenômenos ampliarem o conhecimento, dessa forma o saber já teria atingido seu limite de verdade e não mais avançaria.

Porém, não confiar no abstrato tem sido a regra primordial no meio científico. Entretanto, estudar para compreender, chegar aos fatos, indo do princípio gerais, percorrendo o caminho do descobrimento real e concreto até atingir os princípios específicos, revela ser o caminho para novas informações e o avanço da ciência. Neste interim, o cientista deve interrogar-se constantemente a cada dado obtido como resultado de suas inquirições, pois, muitas vezes coisas [entes ou fenômenos] não são o que aparentam ser.

Um caminho a ser seguido necessariamente por qualquer filósofo da ciência terá que ser o de pesquisar a filosofia dos objetos, afim de chegar ao verdadeiro conhecimento de como eles são apresentados fenomenicamente como ser aí no mundo. Dar relevância ao infinitamente pequeno, e, que quase sempre passa despercebido aos olhos comuns, mas jamais poderá furtar a percepção do filósofo. Metodologicamente não deve observar o objeto como um todo manifestado no mundo, mas sim isolando-o sob todos os pontos de vista, pois isolado, um corpúsculo se torna um centro de irradiação para um fenômeno maior e integrado com e no mundo.

O filósofo deve adaptar-se às características das novas ciências, encontrar-se atualizado com a tecnologia, e mais importante: utilizar os devidos métodos para chegar ao perfeito resultado e também saber lidar com possíveis fracassos durante a investigação. Haja vista que nem sempre a técnica utilizada é compatível ao objeto em questão, o insucesso de sua experiência pode estar ligado a um método de resolução defeituoso, ou incapaz de obter o resultado esperado. O processo de investigação não deve ser carregado por excesso de expectativa na obtenção de resultados imediatos, pois como dito anteriormente, o que é tido à primeira vista, nem sempre é o que se espera e pode confundi-lo, levando-o ao conhecimento comum e não ao científico.

Para o pesquisador, quanto mais insolúvel for o problema, maior deve ser a vontade de resolvê-lo. Concluir uma experiência tida como irrealizável é o objetivo de todo pesquisador, tornar público a verdade sobre aquilo que não se tinha conhecimento até o momento, ou se já o conhecia, porém superficial, deve agora, no âmbito da ciência, esclarecer todas as dúvidas, chegando a um resultado exato, com dados específicos, traçar uma fronteira e ultrapassá-la será o seu maior triunfo. O pesquisador é movido por seus objetivos e pensamentos, suas ações são tomadas mediante ao conhecimento que possui. A humanidade dispense boa parte de sua existência na busca do saber, e quanto mais apropriada do saber, mais constata que necessita avançar nas investigações, porque está sempre desejando e necessitando saber mais.



Todas as descobertas feitas até hoje, foram através de experiências, muitas delas fracassadas ou ineficazes que foram repetidas até conseguir êxito. E qual o valor de uma experiência bem-sucedida? A experiência deve esclarecer todas as dúvidas e incógnitas pertinentes a ela, precisa alcançar todas as expectativas depositadas nela, se nela conter um vício, ou falha, seja de execução ou planejamento, a mesma deve ser descartada, caso contrário, se cumprir os requisitos mencionados anteriormente, pode-se considerá-la bem-sucedida. O valor dessa experiência, é, portanto, descobrir o caminho a ser trilhado para chegar a um determinado resultado, é como se fosse um manual de instrução.

CONCLUSÕES

Concluimos que, para o avanço das investigações, um filósofo da ciência nunca deverá ficar preso a um materialismo que se manifesta fenomenicamente de imediato, satisfeito com suas primeiras experiências e resultados. Mas, é necessário trilhar por um materialismo erudito, científico, instruído pela repleta pluralidade dos diversos conhecimentos existentes e ir em busca do novo que está sempre a se manifestar, porém, quase sempre não é percebido.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. O Materialismo Racional. Tradução de João da Gama. Lisboa: Edições 70, 1953.

BACHELARD, Gaston. Epistemologia. Tradução de Fátima Lourenço Godinho e Mario Carmino Oliveira. Lisboa: Edições 70, 1971.